

Vida e morte do Culto à Ciência

JFT-8.7.1.5.00

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE033144

FRANCO, Zaiman Brito. Vida e morte do Culto à Ciência. Diário do Povo, Campinas, 21 jan. 1979.

Zaiman Brito Franco

Não faz muito tempo assim. Os alunos eram obrigados a usar gravatas e, conseqüentemente, paletó. (Podia até ser besteira, mas revelava uma postura elegante, uma pose que acabava refletindo no polimento do próprio espírito e, acima de tudo, formalizava o respeito e o orgulho).

Inacreditável: havia aula sábado à noite. (Podia até ser exagero, mas naquele tempo era comum acatar os dispositivos da lei que falava em carga horária). Como era impossível a divisão por 5, dividia-se por 6. Mais que uma simples questão de matemática: uma decisão de bom senso.

Telémaco Paioli Melges era o diretor — uma doce fera que amava os alunos, mas que não abria mão das prerrogativas de chefe. Sabia se impor até com excesso — o excesso dos responsáveis e idealistas —, embora no momento do soco, encolhesse os punhos e muitas vezes transformasse a quase agressão em carinho. Tinha incrível auto-defesa: gritava com os pulmões abertos, ganhando os primeiros "rounds" no berro. Depois, gostosamente, perdia a luta no beijo.

Hoje, o diretor não fala — mas deixa transparecer no olhar distante, uma cáustica e doída amargura, um desencanto machucante, um diluir sem conta de sonhos esmigalhados pelos pseudo-desbravadores do ensino. Acho até que já não existe o grito, nem os punhos cerrados. Os dentes já não rangem como outrora. Cabeça, tronco, membros e coração cansados e sufocados — vivem de um passado que foi lindo e, ao mesmo tempo, foi o doído prenúncio dos castelos ruídos no ideal — dos castelos desmanchados pelas mãos dos arquitetos de mentira.

Orville de Oliveira era o mestre da História. Figura notável, fascinante, inesquecível — um homem que se dividia entre a santidade e o heroísmo. Nivelava-se aos alunos, mas conseguia o respeito absoluto e necessário para quem ensina. Testemunhava o passado com a honestidade dos homens lúcidos e fiéis à história da civilização. No começo e no fim do ano letivo, uma lição — advertência que se ficou para o resto da vida:

— História não é arma de combate.

Orville, do velho Culto à Ciência, era um daqueles raros professores cujas aulas a gente deveria pagar ingresso...

Matilde Pétine discursava em francês. Querelante, exigente, ativa e até solene emocionava com as estrofes de Vigny e a doçura de Musset. Ensinava — e isso era importante naquele tempo. Foi ali entre as paredes do Culto à Ciência, que nasceu a "Non Scholae Sed Vitae" — entre uma página de Chateaubriant e a conjugação de um verbo irregularíssimo.

Tinha charme de professora. Mais: tinha estilo.

Bon soir...

Como esquecer a indelével presença do professor Franciseo Galvão de Castro? Impossível. Questionava as lições de Ovídio, acompanhando apenas com a extraordinária memória. No livro, o aluno mais catimbeiro, tentava a artimanha, enrolando a língua na tradução e confiando nos olhos do mestre, que se perdiam nos horizontes da pureza e dos sonhos. Mas a mente estava unvida ao poema de Ovídio e a correção humilhante vinha instantaneamente...

Ronaldo Passini lecionava matemática

no clássico e no científico. Não gostava de discutir a validade de dolorosos e teríveis teoremas — mas cumpria seus deveres como poucos. Era um homem bibliocó: sim, sim; não, não.

Radical, justo como uma reta, exato como um número inteiro, constante como uma dizima, meio poeta como Pitágoras, Ronaldo Passini era o que se chamava de "reprovador implacável". Alimentava um pecado: achava que todos nasciam com o talento para jogar xadrez. Porém mantinha a mais excelsa virtude de um educador: era justo. E, frio como os próprios números, obrigava o aluno a fazer o elementar: estudar o ano inteiro. Muitas vocações foram despertadas por este mestre — que até hoje multiplica e renova o maluco sonho de construir um mundo com progressões, segmentos, retas, pontos, tangentes e justiça.

Como não lembrar de Hilton Frederici? Meio antipático — mas afinal lecionar não era concurso de beleza. Meio exigente, principalmente com os alunos que odiavam o Guarani. Porém, dormia com a consciência tranquila, pois suas aulas de geografia eram um suave passeio pelo mundo. Espalhava quimeras no mapa mundi, transformando o aluno em romântico viajante.

Não se aprendia geografia. Vivia-se o mundo.

A voz grave e soturna do professor Francisco Ribeiro Sampaio, hipnotizava nos segredos da gramática histórica. A voz candente do mestre — arranhada às vezes pelo alcatrão do Beverly, sem filtro — apurava a sensibilidade dos alunos para a mensagem de Antonio Nobre — o poeta mais triste que apareceu em Portugal.

De quatro em quatro anos, quando muito, Sampaio dava um 10. Era a loucura, o frenesi, a glória:

— Viu fulano? Imagine que crânio: tirou 10 com o Sampaio.

Um inestimável troféu que o aluno guardava para o resto da vida. Uma nota com sabor inquietante de realização — numa época em que não havia a burla da recuperação e nem o engodo do conselho de classe...

Na dúvida machadiana, uma certeza: Sampaio não mudou. Mudou o ensino.

Exame oral, conjunto, segunda época — naquele tempo a escola ainda não tinha sido nivelada por baixo. Samuel Rubinsky derramava ideal nas aulas de física — mas depois trocou o magistério pelas incorporações imobiliárias (com certeza ele anteviu a tragédia: o ensino iria trocá-lo por nada). Naomi lecionava filosofia, provocando homéricos debates com os alunos divoreistas. Maria de Lourdes Ramos revelava os segredos do grego clássico e o professor Almeida cristalizava o humanismo absoluto nas aulas de Química.

Sob a bandeira da renovação, os pretensiosos reformadores quebraram o santo orgulho do velho Culto à Ciência. Foram além: destruíram um símbolo, perpetrando impiedoso crime de lesa-cultura. Professores e alunos são, hoje, apenas sombras e lembranças perdidas no ontem. E até já se esqueceram da conivência das autoridades, que assistiram passivas a ação dos que lapidaram o túmulo da escola, conspurcando o ideal dos que levantaram o seu berço. Um berço erguido com a cal da sabedoria e o cimento do amor.